



JOSÉ VICENTE CARNERO

PARA CONHECER,
ESCUTE SEU CORPO

Dialogos entre
WILHELM REICH e BARUCH SPINOZA

Editora
UFPR

PARA CONHECER,
ESCUTE SEU CORPO

Dialogos entre
WILHELM REICH e BARUCH SPINOZA



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Rafael Faraco Benthien

Conselho Editorial que aprovou este livro

Allan Valenza da Silveira

Claudio José Barros de Carvalho

Diomar Augusto de Quadros

José Carlos Cifuentes

Margarete Casagrande Lass Erbe

Zélia Maria Marques Chueke

JOSÉ VICENTE CARNERO

PARA CONHECER,
ESCUTE SEU CORPO

Dialogos entre
WILHELM REICH e BARUCH SPINOZA

Editora
UFPR

© José Vicente Carnero

PARA CONHECER, ESCUTE SEU CORPO

Diálogos entre
WILHELM REICH e BARUCH SPINOZA

Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

Revisão

Daniele Soares Carneiro e Clarice Portugal

Revisão final

do autor

Ilustração da capa

Anélia Savova

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Reinaldo Weber

Série Pesquisa, n. 389

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

C289p Carnero, José Vicente

Para conhecer, escute seu corpo: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza / José Vicente Carnero. – Curitiba: Ed. UFPR, 2021.
413 p. ; 20 cm. – (Série pesquisa, n. 389).

Bibliografias: p. 403-413.
ISBN 978-65-87448-36-7

1. Conhecimento e aprendizagem. 2. Teoria do conhecimento. 3. Afeto (Psicologia). 4. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. 5. Reich, Wilhelm, 1897-1957. I. Título. II. Série.

CDD: 158.2
CDU: 159.942

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-36-7

Ref. 1024

**Direitos desta edição reservados à
Editora UFPR**

Rua Ubaldino do Amaral, 321
80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2021



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

A sabedoria que me interessa é essa que combina o cérebro com as tripas, essa que combina tudo que somos. Tudo, sem esquecer nada! Nem a barriga, nem o sexo, nada, nada...

(Eduardo Galeano, Praça Catalunya, 24 de maio de 2011)

Prefácio

Conheça seu corpo pulsante

André Martins*

Spinoza não erigiu uma teoria como as outras, e não à toa propõe que para que se compreenda sua proposta é necessária uma reforma ou emenda do intelecto, isto é, de nossa maneira de pensar, uma vez que as filosofias tradicionais estariam insuspeitadamente calcadas em preconceitos do senso comum, como o que diz serem o corpo e a alma duas substâncias. Spinoza não busca uma explicação de fora para o real, o indivíduo e a vida, tomando o corpo, os sentidos e os afetos como fontes de uma experiência enganosa. Ao contrário, a imanência de sua filosofia demanda que compreendamos a realidade sem petições de princípio e verdades metafísicas. Somos um corpo que pensa, e este pensar é a mente, que, portanto, somente existe dinamicamente.

A capacidade reflexiva da mente humana pode, assim, compreender o corpo e seus afetos resultantes das modificações desse corpo nas interações com outros corpos e ideias;

* Filósofo e psicanalista, doutor em Filosofia pela Université de Nice e em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, professor da UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ, e do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, coordenador do Grupo de Pesquisas Spinoza e Nietzsche: Estudos de Filosofia da Imanência.

mas pode também ser utilizada pelo indivíduo, inclusive inconscientemente, para denegar o que, na realidade e na interação com os outros, o incomoda. Muito se faz para dar ares de ciência e razão a esta atitude de denegação da realidade, a fim de gerar uma sensação de controle do fluxo afetivo da vida. Nesse sentido, a filosofia tradicional, sua razão e sua lógica, são apenas, fundamentalmente, versões da defensividade do senso comum e da passividade humana mais corrente – em suma, uma forma intelectualmente sofisticada de negar a realidade que contraria. Spinoza desmascara essa tentativa nas filosofias de autores como Platão, Aristóteles, Descartes, e sua filosofia claramente o faz com as de Kant e Hegel, por exemplo. A razão, em Spinoza, consiste no conhecimento dos afetos e sua gênese, pelas causas próximas, genéticas e eficientes.

Por isso, a filosofia de Spinoza e sua compreensão dos processos psicofísicos vem crescentemente servindo, ao longo dos séculos XX e XXI, de apoio e esclarecimento fundamental para as teorias e terapias que trabalham o corpo. A filosofia de Spinoza é reconhecidamente uma terapêutica, uma “cura pela compreensão”, poderíamos dizer. Mais especificamente, pela compreensão dos afetos humanos, e por conseguinte dos nossos afetos singulares e atuais. Contudo, Spinoza em momento algum propõe uma via terapêutica *a partir* do corpo propriamente dito. A unidade psicofísica de sua teoria, ao contrário, propõe uma compreensão do corpo pela via dos afetos, que são intrinsecamente ao mesmo tempo psíquicos e físicos. Essa mesma perspectiva psicofísica, no entanto, permite que estudiosos e terapeutas do corpo utilizem sua filosofia como uma das bases para uma compreensão terapêutica que toma a via do trabalho propriamente corporal, através de uma leitura corpóreo-afetiva ou somatopsíquica da expressão corporal

– neste ponto aproximando-se também da teoria psicanalítica de Winnicott.

Nesse sentido, Reich (1897-1957), contemporâneo de Freud (1856-1939) e inicialmente seu colaborador, notabilizou-se por sua abordagem terapêutica ao mesmo tempo corporal e psicanalítica ou psicológica, propondo uma “psicoterapia corporal” bioenergética. Sua concepção de corpo biopsíquica foi, no entanto, ao longo do tempo, criticada por atribuir uma certa materialidade ou palpabilidade à energia psicosexual, assim como, opondo-se à concepção freudiana de distinção entre libido e representações mentais, por conceber o fluxo energético sexual como aquilo que propriamente constitui a unidade psicofísica e, em sua expressão externa, como aquilo que de fato estabelece as relações com o outro e com o mundo.

José Vicente Carnero, psicólogo formado pela PUC-Rio e vegetoterapeuta formado pela Escola Pós-Reichiana Federico Navarro (EFEN), na qual clínica e ministra formação, nos oferece em *Para conhecer, escute seu corpo: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza* – que tem origem em sua dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Estudos da Subjetividade pela UFF – uma leitura aprofundada da filosofia de Spinoza, apresentando com precisão conceitual a ênfase dada por esta ao corpo e à unidade psicofísica, combinada a uma interpretação apurada da teoria reichiana que desfaz os nós que fizeram dela alvo de críticas. Através do livro de Carnero, Spinoza e Reich falam a mesma língua, afastando-se das bases metafísicas da metapsicologia freudiana.

De fato, como aponta Carnero, tanto para Spinoza como para Reich, a alegria e o prazer não são sublimáveis, uma vez que a própria vida não segue uma teleologia sexual, mas sim parte de um impulso originário e imanente de expansão ou

aumento da potência de agir, e a impossibilidade de expansão gerará inevitavelmente tristeza e constrição. Embora para Reich, descreve Carnero, todo adoecimento somatopsíquico tenha origem em uma perturbação da função sexual, esta deve no entanto ser compreendida de forma não teleológica, de maneira que uma clínica assim reichiana busca, por um lado, compreender as condições atuais, inclusive relacionais e sociais, do prazer ou do desprazer do indivíduo, e por outro, contribuir para desbloquear as travas que o corpo atualmente apresenta para que o fluxo vital se restabeleça e o corpo volte a pulsar.

O corpo, como foi explorado por Reich e Spinoza, propicia um modo de conhecimento incontornável, uma vez que é através dele que a mente é capaz de saber a respeito daquilo que convém ou não à sua própria potência. O livro de Carnero oferece, assim, também uma abordagem epistemológica, a partir da ideia comum a Spinoza e Reich de que é através do corpo que a mente é capaz de conhecer o que convém ou não à sua potência de agir e de pensar. O encouraçamento do corpo, que o blinda contra as variações e mobilizações afetivas, analisado por Reich, encontra ressonância em Spinoza em sua crítica ao que Carnero nomeia com pertinência como a *função transcendente do pensamento*, que dissocia a mente do corpo e sua ideia, fechando o indivíduo para o outro e para o mundo.

Enquanto as ideias dissociadas afastam o indivíduo da realidade e o encerram em uma profusão labiríntica de pensamentos, já o corpo não mente, sendo assim a expressão direta do *conatus*, como potência interna, bioenergética, da vida. O corpo encouracha como uma defesa, quando a mente não suporta as experiências afetivas a que se foi exposto; uma vez encouraçado, tenderá a dissociar seu pensamento da realidade; ou seja, a mente se dissocia da realidade quando não suporta as

experiências afetivas a que foi exposta e isso tende a encorajar o corpo, como uma forma de defendê-lo e defender-se de novas exposições que superem sua capacidade atual de ser afetado.

Potencializar o corpo implica em desenrijecê-lo, de modo a tornar também a mente mais potente, no sentido de torná-la mais capaz de compreender e integrar (no sentido que Winnicott dá a este termo) suas experiências e cargas afetivas, o que faz com que não seja mais necessário para o indivíduo afastar-se física e psiquicamente do mundo. Do mesmo modo, fortalecer a mente, tornando-a mais apta a se afetar, torna o encorajamento desnecessário, obsoleto, como defesa psicofísica.

Para conhecer, escute seu corpo: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza é um texto que flui, coerentemente desen-couraçado, o que propicia uma leitura extremamente agradável, que certamente interessará a estudantes, psicólogos e terapeutas corporais, contribuindo tanto clínica quanto teoricamente, assim como a todo e qualquer amante do pensamento nas áreas da filosofia e da psicologia ou da psicanálise, em particular ao leitor desejoso de conhecer as teorias de Reich e de Spinoza, postas aqui em frutífero diálogo, sob uma abordagem ao mesmo tempo acessível e aprofundada, reflexiva e conceitualmente irretocável.

Sumário

Introdução / 15

Capítulo I: O conhecimento a partir do corpo e dos afetos / 29

A proposta científica-natural do conhecimento / 39

O problema do conhecimento sensível ou de primeiro gênero / 51

O conhecimento pelas sensações de órgãos / 66

O sentimento vegetativo dos estados de movimento do corpo / 82

O método de pensamento para se chegar ao conhecimento das causas / 91

As fronteiras entre sujeito e objeto / 106

Capítulo II: Considerações sobre o princípio dos afetos nas concepções de Reich e Spinoza / 115

Sobre a proveniência das expressões afetivas / 122

Considerações sobre as forças pulsionais / 130

A via da representação / 148

A ordem de causalidade imanente / 163

O princípio comum de produção dos fenômenos
psíquicos e somáticos / 174

Algumas distinções sobre o princípio de funcionamento
comum da Natureza entre Reich e Spinoza / 186

Os afetos, as emoções e as diferentes terapêuticas / 224

A via energética-sexual / 258

A sexualidade e o apetite: a dimensão corporal da “potência
de agir” / 264

O prazer e a angústia, a alegria e a tristeza / 280

A potência de convulsão do corpo / 288

Capítulo III: O princípio estratégico vital / 303

O princípio negentrópico-sistêmico da vida / 305

O “esforço de perseverança” contra o decaimento
energético / 324

A forma da matéria viva / 329

A atividade de resistência e o passado / 347

A forma enquanto resistência / 359

A entrada no problema clínico pelo plano da forma / 377

Conclusão / 395

Referências / 403

Introdução

No início da obra *Análise do caráter* (2001a), Reich apresenta algumas questões concernentes à *teoria e prática* psicanalíticas que não apenas permitiram o desenvolvimento da teoria e prática do autor, como colocaram questões importantes a respeito *da maneira de se produzir conhecimento na clínica ou mesmo em qualquer campo de análise que implique processos vívidos*. Dessa maneira, tomaremos como fio condutor alguns diálogos que Reich estabeleceu com a psicanálise no intuito de construir uma metodologia clínica que desse conta de resolver os problemas clínico-teóricos que se colocavam na época. Nesse sentido, a proposta de Reich apontava, como problema localizado entre a teoria e a prática, que o analista apenas poderia chegar a um entendimento adequado do caso e, conseqüentemente a uma intervenção adequada, se partisse de uma compreensão *causal e específica ao próprio caso*. Nessa premissa, Reich apontava que a *metodologia* deveria se pautar estritamente nos princípios funcionais da Natureza.

O problema do conhecimento na concepção de Reich – sobre como estabelecer um entendimento adequado a respeito de um fenômeno que se pretenda investigar – suscita questões muito próximas àquelas propostas pelo filósofo Spinoza no século XVII. Ambos os pensadores evidenciaram *o papel fundamental dos afetos e da inserção do corpo no processo de conhecimento*. Tanto Reich quanto Spinoza tomaram a expansão e a alegria como finalidade ética nas atividades cotidianas, políticas e te-

rapêuticas. O parâmetro da *potência* apresenta-se, então, como princípio fundamental no pensamento dos dois autores e é a partir dele que o problema do conhecimento é colocado, assim como o da própria atividade vital do ser.

Reich e Spinoza, contudo, evidenciaram em suas obras o papel do sofrimento, da fraqueza e da impotência. A possibilidade e a impossibilidade de uma vida mais plena e potente derivam da implacável lei natural da vida, a qual postula que a sobrevivência depende de uma capacidade de *desfrutarmos* das coisas e nos *unirmos* a elas. Nesse sentido, no pensamento dos autores, o conhecimento envolve uma dimensão de *comunidade* entre corpos, o que implica a *capacidade do corpo de acessar este plano comum* e poder, acerca dele, ter ideias verdadeiras e adequadas.

Como disse Spinoza em *Ética II*, Postulado 4, “o corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado”¹. Isso significa que, para *conservar-se*, cada um necessita de outro, necessita *nutrir-se de vida, agenciar-se*. *O impulso de vida na direção de uma fonte* que venha trazer alegria pode ser percebido com facilidade na alimentação e no sexo, que se encontram ligados a uma *função econômica* da vida, de assimilação de energia, por meio da qual um ser *atualiza* sua potência.

Nas obras de Reich e Spinoza apresenta-se a ideia de que todos os seres são seres de necessidade. O necessário, contudo, não é o que implica uma prisão ou uma limitação, mas trata-se sempre de *relações necessárias* para que a vida não se torne fraca. O *necessário*, portanto, são *condições: condições de corpo biológico*,

1 SPINOZA, 2007, p. 105.

condições de corpo social, condições de dispositivos para que a entropia não se instale no sistema para além das capacidades deste de dissipá-la. Em relação às condições, já problematizara Reich a respeito da teoria e terapia psicanalíticas: o tratamento das neuroses é individual? Cabe pensar apenas em um sistema isolado como enfermo? Nesse sentido, o psiquismo não deixa de ser um sistema tanto quanto o corpo. O que se faz, igualmente, com a sexualidade dos jovens, uma vez que tenha sido liberada? Não deve ser posta em agenciamento? Ou deve ser sublimada, escamoteada ou disfarçada? Como concluiu Reich, a alegria e o prazer não são sublimáveis, uma vez que todo anseio, todo impulso de vida parte de um afeto básico de expansão, do aumento da potência de agir. Por outro lado, explicou o autor, em toda neurose, em todo adoecimento somatopsíquico há uma perturbação da função sexual. Se o poder de ser afetado de um corpo não é preenchido por expansão e alegria, ao menos de modo geral, será preenchido por tristeza e constrição.

Eis porque Reich e Spinoza se voltam às condições práticas, ao entendimento das circunstâncias que permitam afetos potentes e possibilitem a um corpo não ser dominado por uma força maior. Como alertou Spinoza em *Ética IV*, Axioma: “Não existe, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular relativamente à qual não exista outra mais potente e mais forte. Dada uma coisa qualquer, existe outra, mais potente, pela qual a primeira pode ser destruída”². Isso nos remete à ideia de que o plano dos afetos não pode ser compreendido, senão por um entendimento político. A servidão humana deve-se ao fato de que somos constantemente ameaçados de sermos destruídos, o que, portanto, implica que a vida deva ser considerada sob certos limites.

2 *Ibidem*, p. 269.

Sob esse aspecto, consideremos que os seres se encontram sempre imersos em um meio que não é, *a priori*, favorável. O modo de um ser, ou seja, uma relação de proporções determinada e específica de suas partes, ou sua essência atual, como dirá Spinoza, não é outra coisa senão seu esforço em perseverar. Isso implica, como sublinhou Spinoza, que o ser, por necessidade, *resista* àquilo que ameaça destruí-lo, antecipar sua finitude, assim como torná-lo impotente, incapaz de agir. Essa ideia se encontra igualmente presente no pensamento de Reich que conduz o entendimento da resistência às últimas fronteiras do corpo. *Um modo de resistir é igualmente um modo de pensar e agir*, assim como *um modo de corpo é um modo estratégico de persistir na existência e também um modo de agenciar-se e de expressar seus afetos*, isto é, comunicar-se.

Buscaremos apresentar algumas considerações a respeito do processo de construção do conhecimento a partir de um diálogo entre as obras de Reich e Spinoza. Apresentaremos três capítulos. O primeiro, intitulado “O conhecimento a partir do corpo e dos afetos”, terá por objetivo apresentar a problemática enunciada por Reich nos anos iniciais de sua participação na associação psicanalítica. Evidenciaremos a adesão do autor ao pensamento natural-científico, apresentado nas proposições freudianas desde a época de seu *Projeto para uma psicologia científica*³. Buscaremos, todavia, apontar algumas distinções importantes no entendimento de ciência e Natureza presente no pensamento desses autores.

Nesse sentido, teceremos uma discussão sobre os conhecimentos racionais e os conhecimentos sensíveis, que nos abre caminho ao *problema do primeiro gênero de conhecimento* na obra

3 FREUD, 1996a.

de Spinoza. Esse será apresentado mediante um diálogo com o artigo de Martins intitulado *Sobre a imaginação como virtude* (2008), no qual defenderá que a imaginação não é anulada pela presença de um conhecimento racional. O primeiro gênero de conhecimento aponta-nos um conhecimento que se dá mediante os afetos, o que permite que se entre em *contato com o real e com a realidade das coisas*, sem que, para tanto, seja necessário qualquer clareza racional.

Para Reich, a *sensorialidade* é o instrumento mais importante de um investigador em seu processo de conhecimento do real, visto que o real não é formado a partir de categorias fixas ou estáveis, mas por movimento e fluxo. Apresentaremos, assim, o conceito de Reich de *contato psíquico* enquanto um *estado de atenção* aos fluxos vegetativos que atravessam o corpo, bem como a relação entre as *sensações de órgão* postuladas pelo autor e o processo de conhecimento. Destacamos que uma importante atividade da clínica parte da auto-observação dos afetos, os quais produzem igualmente ações e pensamentos. É por meio de um *contato* com os próprios sentimentos e sensações que é possível acessar um plano de *comunalidade* e ter, assim, ideias verdadeiras e adequadas sobre as coisas e sobre os afetos. O oposto também é verdadeiro, de forma que o pensamento que *cinde e dissocia aquilo que se sente perde-se facilmente em abstrações e em conclusões afoitas ou equivocadas*.

O corpo, como foi explorado por Reich e Spinoza, exhibe um modo de conhecimento importante, uma vez que é através dele que a mente é capaz de saber a respeito daquilo que convém ou não à sua própria potência. Buscaremos discutir, entretanto, em que medida um ser que tem seu poder de afetar e ser afetado reduzido, como dirá Spinoza, ou de pulsar, como dirá Reich, pode ter ideias verdadeiras da realidade. Nesse intuito,

buscaremos apresentar o conceito de verdade no pensamento do filósofo, ao qual se atribui um *método* de conhecimento do real.

Nessa esteira, procuraremos apresentar que o conhecimento do incerto e do móvel apenas se dá mediante um estado de fusão e indiferenciação entre as coisas, isto é, pela *inseparabilidade entre sujeito e objeto* do conhecimento.

Por fim, discutiremos como o pensamento é capaz de operar na imanência e, de maneira oposta, na transcendência. Apresentaremos a concepção de uma *função transcendente do pensamento* enquanto uma forma de separação ou destacamento em relação à realidade. Diremos que essa função transcendente do pensamento equivale, em termos somáticos, à *função de encouraçamento do corpo*, de modo que *quando o corpo encouracha*, isto é, blinda-se contra as mobilizações afetivas, *o pensamento transcende* na mesma medida.

O segundo capítulo, intitulado “Considerações sobre o princípio dos afetos nas concepções de Reich e Spinoza”, inicia-se a partir das questões apresentadas por Reich em *Análise do caráter* (2001a) a respeito dos problemas da técnica psicanalítica de tratamento das neuroses. Abre-se então uma questão central que diz respeito às *duas dimensões de problema* que se encontram conjugadas no trabalho clínico: a *demandada de tratamento* e o *processo de produção do conhecimento*. Em acompanhamento às considerações de Reich, destacaremos que, antes de intervir, o analista deve *ser capaz de construir para si adequadamente o problema analítico*. Tal questão nos conduz a considerações importantes a uma análise clínica, que é o *lugar* ou o *plano* a partir do qual se considera tanto a origem do problema que é trazido pelo analisando, quanto a origem da problematização do próprio caso. Analisaremos também o importante indicador metodológico de Reich quando nos diz que “*a técnica*

*de uma determinada situação deve se desenvolver a partir da própria situação analítica específica*⁴, isto é, que o analista deve abrir mão de quaisquer pré-conceituações para o entendimento e a intervenção adequados ao caso e construir *ad hoc* seu próprio sistema de referências.

Faremos uma breve incursão ao método genealógico de Nietzsche a fim de explicitar a temática da origem e, em sequência, apresentaremos as concepções de Freud e Reich a respeito da origem das expressões afetivas, ou seja, como concebem a base de tais produções.

O tema das *forças pulsionais*, que atravessa esta discussão, será abordado a partir das contribuições freudianas iniciais em sua teoria da *sexualidade*. Veremos em que paradigma suas considerações se encontravam e qual a compreensão que Reich busca resgatar a fim de criar um entendimento sobre a ordem dos afetos.

O tema da sexualidade conduzir-nos-á *ao tema do corpo enquanto dimensão biológica e intensiva*. Nesse momento apresentaremos algumas relações entre o pensamento de Reich e o de Spinoza em respeito ao entendimento do *problema mente-corpo*. Tal discussão implicará algumas considerações a respeito de um *princípio único formador do cosmos*, para o qual os autores se voltaram em perspectivas próximas, ainda que se evidenciem importantes distinções tanto em termos conceituais quanto das propostas de uma terapêutica dos afetos. Será demonstrado que estas derivam das diferentes problemáticas que se apresentaram aos autores em suas épocas, em função de suas práticas: Reich como *médico e cientista* e Spinoza como *filósofo*.

4 REICH, 2001a, p. 20, grifo nosso.

Em sequência, buscaremos elucidar em que sentido se inviabiliza pensar, conforme as ideias de Spinoza ou de Reich, uma *concepção psicossomática* dos processos somáticos e psíquicos. Nesse sentido, a questão a ser considerada é por quais meios as leis físicas que regem igualmente a matéria viva e a não viva podem explicar os processos psíquicos. Acreditamos que um dos pontos de bifurcação no entendimento das bases orgânicas dos processos psíquicos no pensamento de Freud e Reich nos auxilie a elucidar essa questão.

A relação da pulsão com o inconsciente foi apresentada por Freud enquanto um cruzamento de duas dimensões distintas, a psíquica e a somática. Freud, contudo, introduziu igualmente o termo *representação* que, conforme buscaremos apresentar, implicou um certo reducionismo e tornou-se uma dificuldade na compreensão dos processos naturais que envolvem simultaneamente o corpo e a mente. Assim, buscaremos apresentar uma hipótese a respeito do motivo pelo qual Freud deixa de investigar essa relação por meio do corpo e se volta às representações mentais, em afastamento ao primeiro.

A via assumida por Reich para a investigação da dimensão do *entre* o psíquico e o somático se deu pelo resgate das considerações iniciais freudianas a respeito da sexualidade e do *princípio energético* presente na *Teoria da libido* (1905). Segundo explica Reich, Freud foi o primeiro pesquisador no campo da psicologia a assumir a existência de uma *energia psíquica* e, de acordo com esta visão, as ideias psíquicas e as percepções estavam associadas a *quantidades variáveis de afeto*⁵. O tema do afeto e das variações intensivas no corpo conduz-nos diretamente ao pensamento de Spinoza, que afirma que *a mente é a*

5 REICH, 1990, p. 4.

*ideia do corpo*⁶. Veremos que Reich, em sua investigação sobre a sexualidade, chega a um postulado semelhante ao do filósofo, ainda que por vias distintas do primeiro.

Na mesma linha de relação entre o pensamento do filósofo e o de Reich, buscaremos apresentar como o conceito de *potência* aparece na obra desses autores e acreditamos encontrar aproximações que contribuem à compreensão das diferentes perspectivas. Na obra de ambos, *há sempre a figuração de um corpo que se abre à relação com os demais e é por essa capacidade que se torna possível compreender os modos de agir e ter ideias*.

Apresentaremos o operador clínico-analítico “*como*” apresentado por Reich (2001a, p. 57) e destacado por Ferri (2009)⁷, que nos evidencia, por meio de uma linguagem do corpo, o *modo* pelo qual um ser age, persevera e concatena ideias. Apondaremos a dupla função desse operador: o “*como*” enquanto *funcionamento e estratégia* do corpo em função de seu êxito vital e o “*como*” enquanto *linguagem expressiva*. Veremos, na analítica de Reich, que *o funcionamento biológico, a estratégia vital e a linguagem expressiva* encontram-se intrinsecamente ligados.

Enquanto Spinoza nos fala de *potência* enquanto um *poder de afetar e ser afetado*, Reich denomina *potência orgástica* a capacidade do corpo de tensionar e destensionar adequadamente e de ser capaz de *convulsionar dado um estado de excesso de energia*. Em outros termos, Reich explicará que os afetos expansivos e contráteis provocam um acúmulo de excitações que necessitam ser periodicamente descarregadas, o que im-

6 SPINOZA, 2007, p. 97.

7 Curso *Psicopatologia e Caráter* ministrado no Opera Hotel em São Paulo a convite da Sociedade de Vegetoterapia de São Paulo em 2009.

plica diretamente a capacidade do organismo de *pulsar*, isto é, alternar ritmos e não se tornar restrito em seus movimentos.

Nesse intento, estabeleceremos uma relação entre os afetos de *prazer* e *angústia* como concebidos por Reich e os afetos de *alegria* e *tristeza* de Spinoza, que conjugam, da mesma maneira, o pensamento e a extensão, a fisiologia. Faremos uma incursão no conceito de apetite (*cupiditas*) do filósofo e teceremos algumas considerações a respeito da compreensão reichiana sobre a atividade sexual. Sobre o processo de excitação sexual analisado por Reich, encontramos três parâmetros que aparecem simultaneamente: *um impulso motor, uma sensação de prazer e respostas excitatórias parassimpáticas do Sistema Nervoso Autônomo*⁸. Nesse percurso, retornaremos às condições de possibilidade de contato psíquico e dos estados de motilidade do corpo, uma vez que o ser, ao ser pouco capaz de *sustentar estados moventes e afetivos do corpo*, não é capaz de *variar* em expansão e contração e tampouco *saber sobre seus próprios estados afetivos ou sobre as coisas que o afetam na direção de alegria ou tristeza*.

Esclareceremos a função do *prazer* no pensamento de Reich e seu sentido vital e não teleológico, como equivalente a uma *atividade de expansão*. Da mesma maneira, buscaremos a compreensão de que o *prazer*, como entendido pelo autor, *não equivale à descarga de energia*, o que implicaria um exercício da sexualidade entendida apenas como aquietação de um estado de tensão, visando apenas um *telos*, um fim determinado, a descarga.

Evidenciaremos, igualmente, o papel das *marcas, vestígios* ou *impressões corporais* em relação aos afetos. Veremos que, na

8 REICH, 1982, p. 25.

obra de Reich, a questão dos traços corporais que são marcados ao longo do tempo se constituiu como parâmetro central à sua análise clínica a qual denominou *Análise do caráter* (2001a).

Destacaremos o papel dos *bons* e dos *maus* encontros na obra dos autores, através dos quais as marcas são impressas nos corpos. Apresentaremos também em que sentido um corpo tomado constantemente por afetos de tristeza e angústia produz uma condição de *envenenamento* que impossibilita a vida ao decompor o corpo.

Por último, no terceiro capítulo, intitulado “O princípio estratégico vital”, buscaremos apresentar brevemente como o *Zeitgeist* ou o espírito cultural e científico da época de Spinoza no século XVII e o de Reich na passagem do século XIX para o século XX influenciaram suas obras e o percurso de seus escritos e construções teóricas. Na obra de Reich, a problemática do corpo é investigada sob a influência de determinados princípios em revisão pela física, sobretudo em relação à *segunda lei da termodinâmica*, no advento de importantes teorias que surgiram como ultrapassamento dos reducionismos estabelecidos pelo pensamento materialista-mecanicista, pela introdução do paradigma da física quântica e da complexidade.

Nessa terceira parte, apresentaremos uma ótica energética dos processos do vivo em relação à teoria de sistemas e às teorias contemporâneas da física, em particular através dos conceitos de *entropia* e *negentropia*, ou entropia negativa. Reich já evidenciara que a energia vital cósmica denominada por ele *orgone* possuía características que contradiziam o conceito de entropia formulado pela segunda lei da termodinâmica. Essa mesma linha de pensamento tem sido desenvolvida no pensamento de Reich por autores pós-reichianos como Genovino Ferri.

Dado o princípio *negentrópico-sistêmico* da vida, que busca se conservar por meio de agenciamentos com outros sistemas, apresentaremos o conceito de *conatus* ou *esforço de perseverança* de Spinoza e o relacionaremos às concepções energéticas de Reich e sua investigação a respeito dos processos de autorregulação da vida.

O conceito de *conatus* spinoziano implica o esforço de seres ou modos finitos de evitar serem dominados por processos que venham decompor suas partes e levá-los à destruição⁹. Esse esforço, contudo, à medida que se exerce em uma dimensão física e extensiva, remete à conservação de uma proporção de movimento e repouso que implica uma *dimensão formal* do ser. Esta temática – *a existência de uma dimensão formal que se relaciona diretamente à potência do ser e sua capacidade de perseverar* – constitui-se como um dos pilares da teoria reichiana, ao tempo em que a potência, a capacidade vital e a capacidade de conhecer subjazem à constituição física do corpo.

A *forma* no pensamento reichiano apresenta-se igualmente enquanto uma disposição ou um *modo* de existir de um ser e enquanto um importante parâmetro analítico-clínico. Os aspectos formais interessaram mais a Reich do que os conteúdos, os enunciados e as representações enquanto material analítico, uma vez que compreender a forma de um sistema vivo é compreender um processo de composição ao longo do tempo que exhibe uma função vital e um modo estratégico de existência.

Nesse sentido, afirma Bove (2012) que o *conatus* é essencialmente *estratégico* e fala-nos dos modos de *resistência* encon-

9 SPINOZA, 2007, p. 173.

trados pelo ser a fim de perseverar mediante os encontros que possam destruí-lo. Encontramos na obra de Reich essa mesma concepção, que formulou a partir dos problemas apresentados da técnica psicanalítica, quando os analistas buscavam compreender o fenômeno da “reação terapêutica negativa” e os processos de resistência do analisando contra o trabalho analítico¹⁰. Sendo assim, a concepção reichiana aproxima-se daquela de Spinoza *quando compreende que a própria atividade vital é uma atividade de resistência*, ainda que o modo pelo qual venha a resistir possa se fazer paradoxal à própria potência.

Reich propõe a *análise da forma* como *porta de entrada ao processo de investigação*, pois na forma encontra-se todo processo histórico, todas as soluções vitais que um ser deu aos encontros bons e maus e aos *problemas* que esses lhe colocavam, condensadas sob um modo atual e global de existir, persistir, agenciar e conhecer. Reich compreende que esse processo de *resistência* e de *existência* se constitui no corpo enquanto uma *teia de forças* ou, podemos dizer, uma *trama afetivo-intensiva*, que se elabora na própria imanência, por meio de uma composição de fluxos que estão para além das esferas individuais. Assim, assumiremos que o acesso ao conhecimento, sob o ponto de vista clínico, dar-se-á mediante o trabalho com as resistências e que esse trabalho não implica aquilo que resiste à análise, mas o que existe enquanto endurecimento de uma forma. Se, a rigor, a forma é o que obstaculiza o plano de imanência, *proporemos a entrada pela forma a fim de acessar o plano intensivo*, tarefa que acreditamos caber ao trabalho de conhecimento.

Por fim, nossa discussão busca colocar questões para o que seja produzir conhecimento. Assumimos que *a colocação de*

10 REICH, 2001a, p. 59.

*um problema não possa ser apenas lógica, mas que deva envolver a realidade do corpo. Dessa maneira, nossa proposta parte da investigação dos parâmetros e aspectos da vida que se encontram relacionados à possibilidade de *conhecer verdadeiramente* no sentido spinoziano, enquanto *conhecimento dos processos reais*. Igualmente, buscaremos investigar por *quais meios a mente deixa de ter acesso a esse conhecimento e aprisiona-se em ideias falsas e inadequadas a respeito da realidade*.*

Por que estabelecer um diálogo entre as obras de Wilhelm Reich e Baruch Spinoza? Spinoza é um dos maiores filósofos da imanência, que apresentou no século XVII um método geométrico, não antropocêntrico, de compreensão de Deus ou da Natureza e, em sua *Ética*, demonstrou como pode variar a potência dos corpos no sentido de afetarem e serem afetados, bem como a potência das mentes de imaginar e produzir ideias adequadas. Reich, séculos adiante, tornou-se discípulo de Freud e nutriu-se das discussões nascidas no *Zeitgeist* de 1900 que se estenderam, ao longo do século XX, à Física, Biologia, Neurologia e Filosofia Natural, que o conduziram a uma compreensão energético-sistêmica da realidade para além do mecanicismo fisiológico e das representações mentais.

Por meio de uma epistemologia distinta da de Reich, os escritos de Spinoza nos auxiliam no entendimento de uma unidade corpomental a partir de uma mesma substância cósmica, enquanto que as investigações do primeiro sobre sexualidade, autonomia funcional do corpo e economia energética aportam elaborações originais que não poderiam ter sido antevistas pelo filósofo em sua época. É um diálogo que pode vir a beneficiar tanto as práticas de orientação reichianas quanto spinozistas.

série
PESQUISA

ISBN 978-65-87448-36-7



9 786587 448367